

Introdução ao Brasil

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Pequeno artigo para introduzir o Brasil a um grupo de jovens estudantes estrangeiros.
São Paulo, 10 de novembro de 1962.

Mais de 70 milhões de habitantes. Oito milhões e meio de quilômetros quadrados. O quinto país do mundo em extensão (o quarto até que os Estados Unidos anexassem o Alasca). Descoberto e colonizado pelos portugueses, é o único país de língua portuguesa na América Latina. Imenso sob todos os aspectos, é um país cheio de contrastes. Os economistas o classificam de subdesenvolvido. De fato, sua renda per capita está por volta de 250 dólares. Mas nele se encontram regiões ricas, comparáveis a muitos países da Europa, e regiões paupérrimas, inclusive a maior zona de extrema pobreza do hemisfério ocidental: o Nordeste. Suas riquezas naturais são enormes, mas pouco exploradas. Possui as maiores jazidas de ferro do mundo, mas é um exportador de terceira ordem no mercado internacional. Há muito ferro, mas ele está longe da costa, em local de difícil acesso, em região montanhosa. Algumas de suas áreas são de grande fertilidade. O Sul, em particular, possui extensas áreas muito favoráveis para a agricultura, e especialmente para o café. Mas as áreas semi-áridas do planalto Central e do Nordeste, e a floresta tropical, invencível e intratável, do Norte – a Amazônia – dominam a paisagem. A orla litorânea é povoada. Em certas regiões, densamente. O Centro e o Norte, um imenso deserto de homens. O Sul é rico, especialmente São Paulo com a indústria e o café. O Centro e O Norte são pobres. O Nordeste é miserável.

Mas não é só geográfica e economicamente que as contradições constituem a nota dominante. Uma arquitetura moderníssima, famosa em todo o mundo pelo seu arrojo, residências e obras públicas de grande beleza e funcionalidade, ao lado da “favela” do Rio de Janeiro, do “mocambo” de Recife, do “cortiço” de São Paulo. Uma indústria grandemente desenvolvida, produzindo desde tecidos e artigos de consumo comuns, até automóveis, aparelhos eletrônicos especializados, e equipamentos industriais de alta

precisão e envergadura, ao lado de um sistema de controle das empresas ainda tipicamente patriarcal, em que a administração das empresas ainda não se profissionalizou, continuando dirigidas pelas famílias proprietárias. Uma técnica agrícola as vezes altamente desenvolvida e mecanizada, as vezes primária. Uma economia de mercado em que as transações se realizam em grande quantidade e rapidez, ao lado de extensas áreas onde impera a economia de subsistência, primitiva e fechada, onde não circula a moeda e os produtores produzem para seu próprio consumo. Um sociólogo já afirmou que se tomarmos um automóvel para uma curta viagem, encontraremos todas as formas de cultura, desde a mais primitiva até a mais avançada, da tribo indígena, passando pela comunidade rural subdesenvolvida, até a grande metrópole industrial; da clã passando pela família semi-patriarcal, até a pequena unidade familiar moderna; da fazenda semifeudal, passando pela empresa familiar, até a grande organização industrial burocrática.

Os extremos opostos se encontram a todo instante. Apenas a cidade de São Paulo já possui cinco canais de televisão, e, no entanto chega uma jovem do interior do Nordeste para trabalhar como doméstica em São Paulo e cai na risada, risada de puro espanto, ao ver um telefone funcionar. O carnaval e o futebol são duas paixões nacionais, mas isso não impede que muitos considerem seu povo triste, como resultado das dificuldades econômicas por que passam, e que o mesmo não se salienta entre os povos do mundo pela sua atividade esportiva. Mais de 50% de sua população é analfabeta, mas isto não conflita com uma literatura de primeira ordem, com uma pintura e uma escultura, além da música, aptas a concorrer com as dos maiores países do mundo. A cultura brasileira era uma cópia da estrangeira, mas já surge uma consciência crítica nacional, já se começa a adotar padrões culturais próprios, a desenvolver conhecimentos novos e a adaptar os conhecimentos já existentes às necessidades e problemas do país. O catolicismo é a religião dominante, mas uma percentagem mínima da população frequenta as igrejas. Quase todas as famílias são católicas, mas a falta de padres, de vocações sacerdotais constitui um dos grandes problemas da Igreja Católica. Desta, bem como das igrejas protestantes, participam elementos com uma vida espiritual altamente elaborada, mas isto não impede que o espiritismo e a macumba estejam presentes em toda parte.

Politicamente o país também é rico em contradições. Nas últimas eleições presidenciais, o *New York Times* observou que o candidato pessoalmente de esquerda era apoiado pelas forças de direita, e o candidato de direita, pelos grupos de esquerda. E havia

muita verdade nisso. No setor político, com em todos os demais, dois contrários logo saltam à vista. É a oposição do velho com o novo, das forças tradicionais, de base agrária, que dominaram o país durante séculos, com as forças mais vivas e atuantes ligadas à indústria. Para estas últimas o nacionalismo é muitas vezes uma bandeira, mas uma bandeira com todos os matizes, desde o nacionalismo exaltado, que encontra seus principais defensores nos comunistas, até um nacionalismo moderado, que recebe com agrado a colaboração do capital estrangeiro, especialmente em setores como a indústria automobilística, onde esse capital veio preencher um vácuo. Um maior grau de planejamento econômico, a nacionalização dos serviços públicos, a reforma agrária são outras teses dos grupos nacionalistas. Já os tradicionais se opõem a essas medidas e adotam uma posição mais ortodoxa em relação ao capitalismo clássico, que defendem. O partido comunista está banido e sua força eleitoral e política é pequena. Consegue, todavia, infiltrar-se em certas áreas, especialmente no Nordeste, onde o grau de insatisfação popular é muito elevado. Nessa região, aliás, os trabalhadores rurais estão tendendo a identificar o latifúndio, mais do que a seca, como seu grande adversário. Movimentos organizados começam a surgir contra esse sistema de propriedade da terra, e, paradoxalmente, tais movimentos encontram o apoio de comunistas e padres e mesmo de bispos católicos.

Sua economia caracteriza-se pela inflação e pelos imensos desníveis internos. Um economista disse que não é um país subdesenvolvido, mas “desigualmente desenvolvido”. A renda de São Paulo chega a ser seis vezes maior do que a dos estados mais pobres do país. Foi em São Paulo que instalou-se uma poderosa indústria. Era antes o estado produtor de café, e com base nas exportações desse produto, que foram extremamente rentáveis, especialmente nas primeiras décadas deste século, estabeleceu os fundamentos de seu posterior desenvolvimento industrial. Hoje ali existe a maior concentração industrial da América Latina. Os cinco milhões de habitantes de sua capital (também chamada São Paulo) a tornam uma das maiores cidades do mundo e a maior do país. O Rio de Janeiro era, até há alguns anos, a maior cidade do país, mas perdeu essa posição para São Paulo, como perdeu para Brasília o título de capital federal. Conserva, todavia, uma qualidade que ninguém poderá lhe tirar – a de ser uma das mais belas, senão a mais bela cidade do mundo.

O desenvolvimento industrial ocorreu a partir de 1930, impulsionado por uma série de circunstâncias favoráveis, por um governo que procurou fomentar o desenvolvimento industrial, e pela iniciativa de um grupo de empresários ambiciosos e enérgicos, em sua maioria descendentes de imigrantes. Instalou-se primeiramente a indústria leve de consumo. Em seguida surgiram a indústria de base e a de equipamentos. A partir de 1956 desenvolveu-se rapidamente, apoiada pelo planejamento governamental, a indústria automobilística. Alguns investidores brasileiros e principalmente grandes empresas estrangeiras realizaram grandes inversões no país. A Scania-Vabis foi uma delas, ao lado da Wyllis, da Ford, da General Motors, da Mercedes Benz, da Volkswagen etc. Em 1961 foram produzidos quase 150 mil veículos, com cerca de 95% de seu peso fabricado no país. A taxa de desenvolvimento econômico anual da renda gira em torno de 6% ao ano. É, portanto, uma das melhores do mundo ocidental, e certamente a melhor da América. E, por estranho que pareça, todo esse desenvolvimento vem se realizando no quadro de um processo inflacionário cada vez mais maior, atingindo nos últimos dois anos a taxa de 50% ao ano aproximadamente.

Esse processo de industrialização refletiu-se em todos os setores da vida nacional. Politicamente, culturalmente, fortes modificações se fizeram sentir. No campo social as transformações foram profundas. Sociedade simples, em que a uma pequena aristocracia de senhores de terra e grandes importadores e exportadores se contrapunha uma imensa classe de trabalhadores rurais, subitamente tornou-se uma sociedade complexa. A classe média, antes quase inexistente, desenvolveu-se. Dentro da classe alta surgiram os empresários industriais. O número de operários urbanos cresceu extraordinariamente.

A composição étnica de sua população é particular. O colonizador português, ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos, não exterminou a população índia, mas integrou-a à civilização. Por outro lado, a importação de escravos africanos foi imensa. Dessa forma, embora predominantemente branca, a população do país caracteriza-se pelo cruzamento de raças. Esse fato leva muita gente a crer que as raças ‘puras’ tendem a desaparecer no país. Todos, pouco a pouco, iriam se tornando brancos, na medida em que ‘branco’ no país não é aquele que tem todos os seus ancestrais conhecidos pertencentes a raça branca, mas aquele que tem traços físicos predominantemente brancos. Ainda existem índios vivendo em estado selvagem ou semi-selvagem no país, mas são provalmente muito poucos. Talvez ainda como decorrência desse grande cruzamento, o brasileiro se

orgulha de não ter preconceitos raciais. Na verdade, os tem, como a ideologia do branqueamento demonstra. A segregação racial ostensiva, todavia, é pequena quando comparada com a existente em outros países do mundo.

Quais são as perspectivas do país para o futuro? Não obstante todas as dificuldades encontradas, uma posição francamente otimista é sem dúvida aquela mais de acordo com a realidade. Seu ritmo de desenvolvimento econômico é um dos melhores do mundo. Embora não tenha ainda se estabilizado plenamente do ponto de vista político, já está longe de ser uma “republicueta latino americana” sujeita a golpes de estado contínuos. As forças extramadas de esquerda e de direita são pequenas e tendem a compensar-se. Uma posição mais moderada, que alia um capitalismo com planejamento econômico a um programa de constantes reformas sociais, torna-se cada vez mais forte. O país já desenvolveu uma classe de empresários industriais que constituem uma garantia de desenvolvimento dentro dos moldes capitalistas. Por outro lado, os operários urbanos, classe média, e os próprios trabalhadores rurais estão se tornando suficientemente organizados. Suas opiniões já começam a pesar na determinação dos objetivos que o país pretende atingir, e eles estão cada vez mais aptos a obter uma participação cada vez maior da renda nacional. Em outras palavras, um equilíbrio crescente entre as forças econômicas e sociais do país tende a estabelecer-se, a medida que este se desenvolve. A sociedade tende a se tornar mais democrática e mais aberta. Tudo leva a crer que o Brasil tem diante de si um futuro brilhante. Muitos serão ainda, sem dúvida, os desafios que a história lhe prepara, mas é lícito supor que tais desafios serão enfrentados e resolvidos com êxito.